

PARALELO DE DESENVOLVIMENTO MICRORREGIONAL: MICRORREGIÕES CATARINENSES DE CAMPOS DE LAGES, DE JOINVILLE E DE TUBARÃO

Carla Roseni Da Silva¹, Louis R. Westphal², Thiago Berka³

¹*Economista pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, carla_roseni@yahoo.com.br*

²*Professor do Departamento de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
rs53@cse.ufsc.br*

³*Aluno de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) hiei3x@hotmail.com*

Resumo

Este artigo foi realizado sob a ótica da visão da Qualidade do Crescimento e a partir de indicadores econômicos e sociais do processo de desenvolvimento retirados principalmente de fontes como a SPG (Secretaria de Estado do Planejamento), IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), e o PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). Tais dados têm como consequência atingir o objetivo do artigo que é analisar a evolução do desenvolvimento das microrregiões de Campos de Lages, de Joinville e de Tubarão, utilizando o PIB *per capita*, a situação do desemprego, a concentração de renda medida pelo índice de Gini, e os indicadores do desenvolvimento: educação, saúde, condições de moradia, pobreza. Desenvolvimento é um tema que vem sendo bastante discutido entre a sociedade e o governo, seu conceito passou a ter um sentido mais amplo após abrir um leque às questões sociais. Antes da década de 1980, desenvolvimento estava restrito apenas a idéia de crescimento econômico. A partir de 1990, desenvolvimento passou a relacionar-se com a qualidade do crescimento, que envolve uma educação mais eqüitativa, maior oportunidade de emprego, maior igualdade de gênero, melhor saúde, sustentabilidade do meio ambiente, etc. Uma educação melhor e mais eqüitativa, maior acesso a saúde, reduzem a pobreza, e por sua vez, a queda da concentração da renda, ampliando o bem-estar da população. A sustentabilidade sugere entre outras variáveis, a integração entre a conservação da natureza com o desenvolvimento; a perseguição de uma eqüidade e justiça social; manutenção da integridade ecológica. O desenvolvimento também envolve mudança estrutural. Ao aumentar a produtividade através do avanço tecnológico e fortalecer a economia, a região é capaz de se desenvolver mais e, por conseguinte, pode gerar uma estabilidade em sua economia. É necessário que o crescimento econômico cresça acima do aumento da população, para que se possa expandir o nível de emprego e a arrecadação pública, a fim de permitir ao governo realizar gastos sociais e atender prioritariamente as pessoas mais carentes.

Palavras-chave: Desenvolvimento Social; Qualidade do Crescimento; Bem Estar.

Introdução

Este artigo analisa, comparativamente, o processo de desenvolvimento de três microrregiões de Santa Catarina: a Microrregião de Campos de Lages, a de Joinville e a de Tubarão. Optou-se por estas três, já que estão localizadas em áreas diferentes entre si, e por possuírem estruturas produtivas distintas, possibilitando demonstrar alguns diferentes processos de desenvolvimento das regiões de Santa Catarina.

Um novo conceito de desenvolvimento surgiu a partir da década de 1980. Antes, estava restrito apenas à definição de crescimento, agora, amplia-se para uma idéia de bem-estar, sustentabilidade, qualidade de vida. Um processo de desenvolvimento sustentável torna-se cada vez mais importante, ou seja, não basta apenas ter um crescimento da renda, mas a qualidade desse crescimento tem grande relevância. Desta forma, para ter um desenvolvimento que seja capaz de melhorar a qualidade de vida das pessoas, é necessário, além do crescimento da renda, uma educação mais eqüitativa, maior oportunidades de emprego, maior igualdade de gênero, melhor saúde e nutrição, a sustentabilidade do meio ambiente, liberdades civis e políticas mais amplas, etc. A pobreza deixou de estar direcionada, simplesmente, à renda e ao consumo. Agora outras variáveis de desenvolvimento estão incluídas na idéia de pobreza como: educação, participação social e política, segurança pessoal e liberdade, qualidade ambiental (BANCO MUNDIAL, 2004).

É cada vez mais evidente que a pobreza, a desigualdade social e a ausência de serviços básicos na área da educação e da saúde, são também causas importantes das dificuldades que os países, regiões têm de enfrentar para sair do círculo vicioso do subdesenvolvimento, já que essas deficiências impedem que as pessoas façam uso de seus talentos e competências, e limitam a capacidade de os países e regiões criarem instituições que permitem desenvolver políticas econômicas e sociais adequadas.

Diante do exposto, este artigo busca verificar as principais problemáticas e deficiências do desenvolvimento socioeconômico dessas microrregiões a partir de dados estatísticos. Indicadores socioeconômicos, tais como, o produto interno bruto *per capita*, educação, saúde, pobreza, moradia, desemprego e desigualdade de renda. Na seção 1 é feita uma apresentação da visão de desenvolvimento a *qualidade do crescimento* respectivamente. Na seção 2 é feito o paralelo microrregional com a análise dos indicadores comparadamente e na seção 3 é feita conclusão com o que foi observado e interpretado na comparação microrregional.

1 Qualidade do crescimento

Hoje uma criança de um país em desenvolvimento pode esperar viver mais, ter melhor saúde, educação e até mesmo ser mais produtiva do que alguns anos atrás. A expectativa de vida aumentou muito nas últimas décadas. O avanço da tecnologia revolucionou a comunicação e a informação que, por sua vez, possibilitou as pessoas a terem maior conhecimento pelo mundo inteiro.

Porém, nossa realidade ainda mostra grandes deficiências em muitos aspectos para alcançar o desenvolvimento. A desigualdade social ainda é alarmante em muitos países em desenvolvimento, há ainda muitas pessoas vivendo na miséria, sem contar com as significativas deficiências no tratamento da água, da alfabetização, a perda da biodiversidade e a poluição do ar. Um exemplo que mostra essa nossa realidade, é o caso extremamente precário da África e, não indo muito longe, o do nosso próprio país que apresenta ao redor das grandes cidades pessoas vivendo em grande miséria.

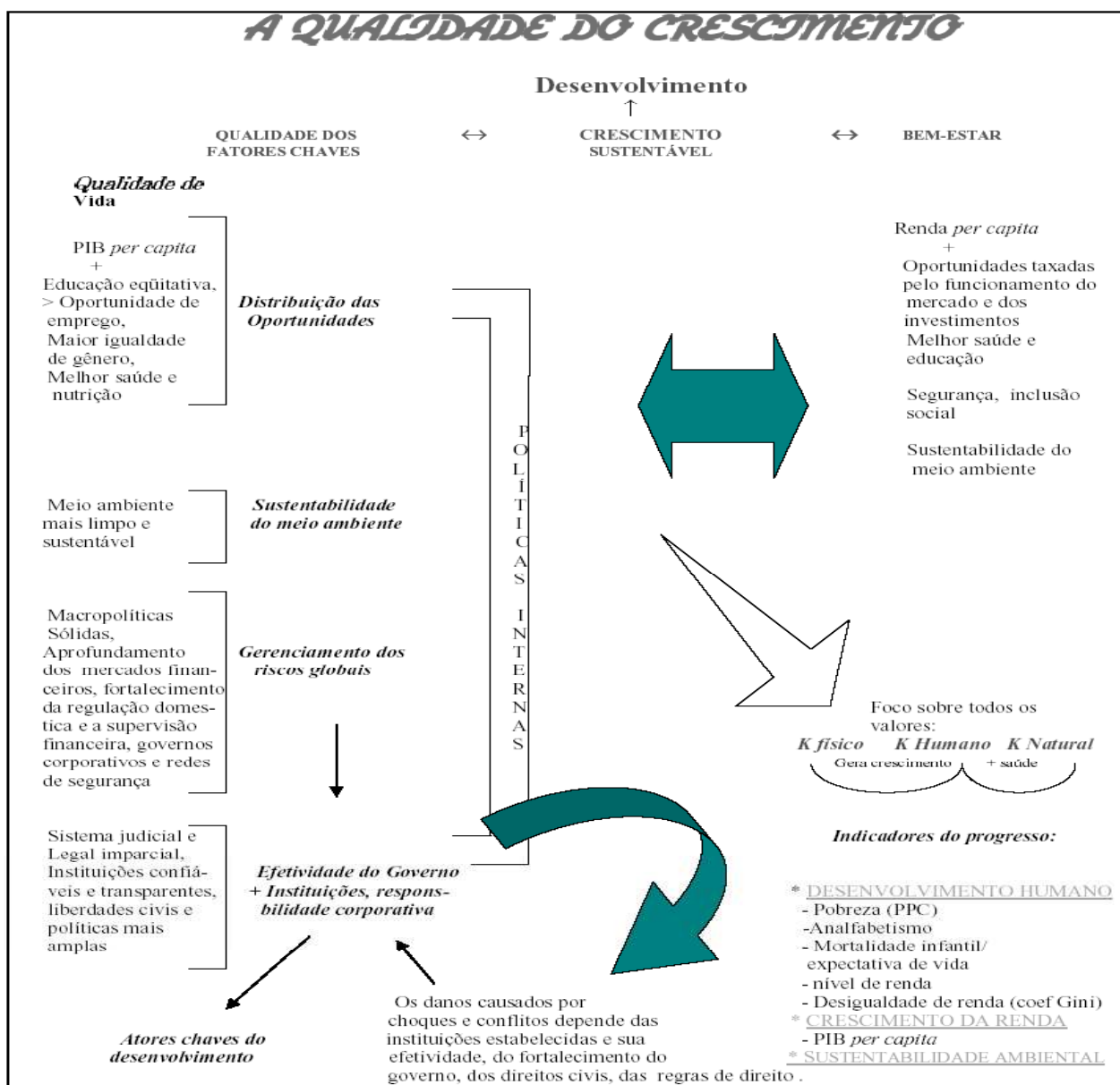
Partindo dessa situação, Vinod Thomas et al., em seu trabalho *A qualidade do Crescimento*, abordou como tema central: a importância fundamental da qualidade dos fatores convergentes para o crescimento, para se atingir uma melhor qualidade de vida para todos e a redução da pobreza.

Segundo Vinod Thomas et al. um crescimento qualitativo é um crescimento com investimento não apenas em capital físico, mas, sobretudo, em capital humano, sustentando os capitais naturais, administrando riscos e melhorando o governo, reduzindo a pobreza, e por consequência, uma qualidade de vida melhor, trazendo como resultado, um desenvolvimento sustentavelmente ambiental e social.

Uma melhor qualidade requer salários mais justos aos pobres, entretanto, faz-se necessário, políticas econômicas e institucionais sólidas que contribuam para um crescimento sustentado. Ao atingir salários mais justos, são necessárias também, melhores e maiores oportunidades de educação, emprego, maior qualidade de saúde e nutrição, um meio ambiente mais sustentável, um sistema legal e judicial imparcial, maiores liberdades civis e políticas, instituições confiáveis e transparentes e, livre acesso a uma vida cultural rica e diversificada (THOMAS et al.,2000 p. 14).

Desta forma, a redução da pobreza necessita que os aspectos da qualidade de vida sejam melhorados, tais como, a desigualdade social e a educação. Reduzindo a desigualdade social e melhorando a educação, pode-se alcançar um crescimento com maior qualidade e, por consequência, a redução de pessoas que vivem em grande miséria.

Na Figura 1 é apresentado um simples esquema da Teoria da Qualidade do Crescimento. Observando essa apresentação, pode-se perceber que o crescimento sustentável, o bem-estar e a qualidade dos fatores chaves do crescimento são variáveis que estão interligadas e que, por elas se alcança o desenvolvimento e, por conseguinte, chega-se a uma melhor qualidade de vida.



Fonte: Thomas (2000). Elaboração da autora Carla Roseni da Silva

Figura 1. Esquema da Qualidade do Crescimento.

O desenvolvimento melhora a qualidade de vida, mas isto requer um crescimento da renda per capita e junto, uma educação mais eqüitativa e oportunidade de emprego, maior igualdade de gênero, melhor saúde e nutrição, meio ambiente mais limpo e mais sustentável, sistema judicial e legal imparcial, liberdades civis e políticas mais amplas. Ou seja, uma qualidade dos fatores chaves para o desenvolvimento é essencial para o crescimento sustentável que, por sua vez, leva ao bem estar.

O bem estar da população está relacionado a uma renda per capita contada de forma individual ou familiar, com a inclusão de oportunidades, enquanto taxadas pelo funcionamento do mercado e dos investimentos; e melhor saúde e educação, segurança, inclusão social e, sustentabilidade do meio ambiente (Vinod Thomas et al).

Partindo-se desses aspectos do processo de crescimento, sobre uma ótica de melhor qualidade de vida, o desenvolvimento está focado sobre três princípios básicos:

- Sobre os valores físico, humano e natural: é essencial a atenção sobre o capital físico, já que este possibilita um acelerado crescimento, porém, não se deve deixar de lado o capital humano e natural. O progresso tecnológico e a produtividade, e o capital físico impactam sobre a pobreza no longo prazo. Dessa maneira, é necessário acumulá-los, mas, deve-se usá-lo com eficiência, evitando a grande degradação do meio ambiente.
- Atender aos aspectos distributivos no decorrer do tempo. Uma distribuição mais eqüitativa de bens produtivos implica em uma distribuição mais eqüitativa de remuneração, sendo assim, para o crescimento reduzir a pobreza, ele não necessita apenas ser estável, mas seus benefícios devem ser eqüitativamente distribuídos.
- Enfatizar a estrutura institucional para o bom governo: investir na capacidade para um melhor governo é a principal prioridade para um melhor desempenho econômico, além de promover empresas competitivas e implementar estratégias de desenvolvimento.

Desta forma, ao fazer essa análise da qualidade do crescimento, observa-se que o desenvolvimento está associado ao bem estar social. Sendo assim, para integrar o crescimento qualitativo em análises do desenvolvimento são necessários índices multidimensionais de bem estar. O desenvolvimento deve ser medido tanto, pelos avanços humanos e ambientais, como pelo crescimento da renda, que interferem no seu desempenho.

2 Análise comparativa do desenvolvimento sócioeconômico das microrregiões de campos de lages, joinville e tubarão

Neste capítulo é apresentado o “melhor”, o “intermediário” e o “pior” indicador entre as microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão. Esta didática se dá da seguinte forma, o melhor indicador entre as três microrregiões será expresso pelo indicador $IM\ Cat\ M$, onde, (I) é o indicador da Microrregião (M) que apresenta o melhor indicador (M) de uma determinada categoria (Cat); o indicador $II\ Cat\ M$ expressa o indicador (I) da Microrregião (M) que apresenta o indicador intermediário (I) entre as três microrregiões em estudo da respectiva categoria (Cat) e; por último, o indicador $Ip\ Cat\ M$ que mostra o indicador (I) da Microrregião (M) que apresenta o pior indicador (P) da respectiva categoria (Cat).

Após, é feita uma análise da evolução ou da variação dos indicadores entre as microrregiões, possibilitando verificar qual a microrregião que melhor vem se desenvolvendo, através da variação dos indicadores das categorias: educação, saúde, pobreza, moradia, do ano de 1991 para o ano de 2000; e da evolução: do pessoal ocupado por setor dos anos de 1970, 1980, 1991 e 2000 e; do PIB *per capita* do ano de 1998 a 2004; da participação de cada setor na composição do PIB durante esse período; e do índice de Gini 1991-2000.

Por fim, é realizado um estudo comparativo em nível nacional e estadual dos mesmos indicadores do desenvolvimento, verificando se o desenvolvimento dessas

microrregiões está acompanhando, ou se está adiantado ou atrasado, em relação aos do país e/ou do estado.

2.1 Trabalho

A microrregião que obteve o “melhor” indicador trabalho, medido pela taxa de desemprego, no ano de 1970, foi a de Campos de Lages, conforme se observa no Quadro 1. Por outro lado, a de Tubarão, apresentou o “pior”. A partir de 1980, porém, a microrregião de Tubarão passou a apresentar a menor taxa de desemprego (1,96%). O setor carbonífero na região no início da década de 1980, não sentiu muito com a recessão econômica brasileira (Alcides Filho, 2002), o que beneficiou a um retardamento do desemprego. A microrregião de Joinville ficou no nível “intermediário” até 1980, já, a partir de 1991, apresenta o “pior” indicador trabalho, com uma taxa de desemprego de 13,85%.

Quadro 1. Comparação do indicador trabalho entre as Microrregiões de Campos de Lages, Tubarão e Joinville 1970 – 2000.

<i>Trabalho</i>	1970			1980		
	I_M^{trabalho} C.deLages	I_I^{trabalho} Joinville	I_P^{trabalho} Tubarão	I_M^{trabalho} Tubarão.	I_I^{trabalho} Joinville	I_P^{trabalho} C.deLages
Taxa de desemprego(%)	1,84	2,82	4,97	1,96	2,21	2,77
		1991		2000		
Taxa de desemprego(%)	I_M^{trabalho} Tubarão	I_I^{trabalho} C.deLages	I_P^{trabalho} Joinville	I_M^{trabalho} Tubarão.	I_I^{trabalho} C.deLages	I_P^{trabalho} Joinville
	4,77	5,04	6,34	10,01	13,42	13,85

Fonte: Elaborado pelos autores. Fonte dos dados primários: IPEA.

Na área urbana, concentrou-se o maior número das desocupações nessas microrregiões, com exceção da microrregião de Tubarão na última década, onde na área rural o número do pessoal desocupado evoluiu em 58,99%, enquanto na urbana foi de 31,12% (Quadro 2).

A melhora do setor carbonífero na década de 70 beneficiou a queda do número de pessoas desocupadas na microrregião de Tubarão, sobretudo, na área urbana (Alcides Filho, 2002). De 1970 para 1980, a microrregião apresentou uma queda no número do pessoal desocupado total em 47,03%; por outro lado, tanto a microrregião de Joinville como de Campos de Lages, já vinham desde esse período, elevando o número de pessoas desocupadas, sobretudo, na área urbana. Entretanto, a partir de 1986 ocorre uma crise no setor carbonífero. A importação aumentou e os subsídios e o sistema de cotas foram cancelados, reduzindo as atividades carboníferas do estado e, por conseguinte, ocasionando um novo aumento do desemprego na microrregião de Tubarão. Em 2000, a taxa de desemprego total na microrregião chegou a 10,01%.

Quadro 2. Evolução do pessoal desocupado das Microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão 1970-2000 – (%).

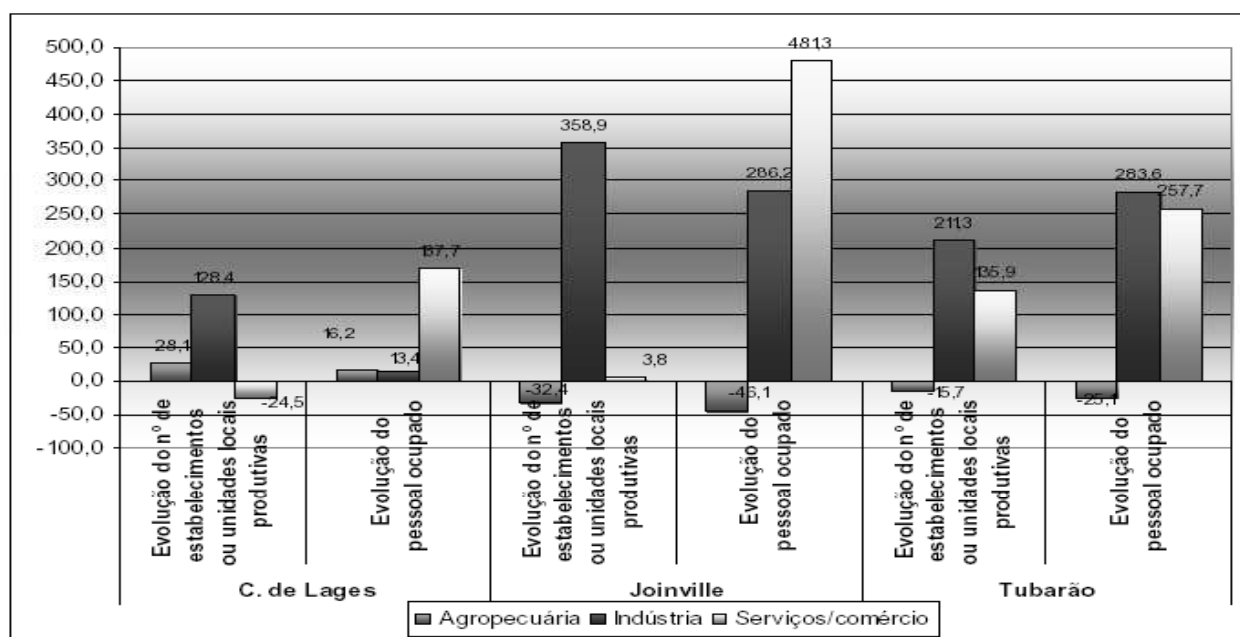
MICRORREGIÃO	1970-1980		1980-1991		1991-2000	
Campos de Lages	rural	urbana	rural	urbana	rural	urbana
	254,77%	54,97%	12,08%	207,57%	37,24%	252,61%
total	91,26%		141,70%		218,96%	
Joinville	9,09%	69,91%	295,63%	355,51%	143,93%	222,06%
Total	62,85%		347,73%		218,94%	
Tubarão	-41,61%	-51,03%	94,96%	362%	58,99%	31,12%
Total	-47,03%		236,86%		184,52%	

Fonte: Elaborado pelos autores. Fonte dos dados primários: IPEA.

A microrregião de Campos de Lages é incapaz de engendrar sozinha um movimento de diversificação produtiva, gerando apenas, um pequeno número de empregos. Por exemplo, na cidade de Lages, não há forças endógenas como, tecnologia e recursos internos suficientes para melhorar o problema do desemprego (FILHO, A., 2002 p. 259). Nos anos 90, acreditou-se que a instalação de várias empresas em Lages e os investimentos externos poderia tirar a região da regressão. Entretanto, foram empresas que vieram de fora apenas para aproveitar um recurso abundante disponível nessa região. Não há o comando de forças internas que engendram um movimento capaz de romper o ciclo vicioso da dependência de investimentos de fora e gerar a diversificação produtiva (FILHO, A., 2002 p. 259). Essa deficiência na microrregião acaba ocasionando o subemprego em muitas áreas, conforme é verificado pelo aumento do número de pessoas ocupadas no setor de serviços na Figura 2 gráfico 1.

Na microrregião de Joinville a inserção das indústrias do departamento de bens de produção nos anos 60 e 70, embalada pelo “milagre econômico” e pelos adventos do II PNB, como já foi visto, beneficiou a centralização e o aumento da oportunidade de trabalho na microrregião que, por conseqüência, influenciou a grande imigração nessa área. Porém, a internacionalização na década de 80, a abertura econômica e a sobrevalorização cambial na década de 90, inauguraram uma nova fase para os setores metal-mecânico e têxtil e vestuário, a fase da retração. Houve uma queda nas exportações e uma estabilidade da produção, ocasionando a aceleração do desemprego (Alcides Filho, 2002).

Dessa maneira, percebe-se que o desemprego expressivo na área urbana nas microrregiões, entre 1970-1995, deu-se, pelo fato do avanço no setor industrial na década de 70, período do “Milagre Econômico”, não ter sido capaz de suprir a grande demanda de mão-de-obra. A crise na década de 80 nesse setor e, a entrada das multinacionais, do capital externo na década de 90, agravou a situação dos trabalhadores. Esses perderam lugar no mercado do trabalho para as máquinas industriais (Alcides Filho, 2002).



Fonte: Elaborado pelos autores. Fonte dos dados primários: IPEA.

Figura 2. Comparação da Evolução do Número de Estabelecimentos ou Unidades Produtivas e do Pessoal Ocupado por Setor entre as Microrregiões de Campos de Joinville e Tubarão 1970-1995 – (%).

Mesmo que na microrregião de Campos de Lages, a pecuária predomine como atividade principal, e depois destacando a indústria de papel e celulose; a microrregião de Joinville, destacando-se como uma zona industrial e; a de Tubarão predominando a agricultura e, o setor carbonífero tendo também, uma considerável participação; observa-se que o comércio e serviços são atividades que também vêm predominando nessas microrregiões, e proporcionando maior oportunidade de trabalho à população. Pois, como foi analisado, essas microrregiões ainda não possuem variáveis endógenas suficientes para suprir alguns choques ocasionados por problemas externos, ocasionando o subemprego a um grande percentual de trabalhadores.

2.2 Educação

A educação em todas as microrregiões estudadas aumentou, entretanto, quanto à qualidade da aprendizagem, pode-se perceber que ela é ainda deficiente. O analfabetismo de pessoas de 7 a 14 anos reduziu abaixo do aumento da frequência escolar.

Joinville é a microrregião que apresenta os “melhores” indicadores da educação, conforme se observa no Quadro 3. A microrregião de Tubarão está no nível “intermediário” em quase todos os indicadores, com exceção da *evasão escolar* (número de crianças e adolescentes entre 10 a 14 anos trabalhando), destacando-se como o “pior” indicador dentre as três.

A microrregião de Campos de Lages é a que apresenta, na maioria, os “piores”, indicadores da educação, com exceção, porém, da *evasão escolar* (pessoas de 10 a 14 anos trabalhando), no qual ficou à frente da microrregião de Tubarão.

Quadro 3. Comparação dos Indicadores da Educação entre as Microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão 1991 e 2000.

<i>Educação</i>	1991			2000		
	I _M educação Joinville	I _I educação Tubarão	I _P educação C.de Lages	I _M educação Joinville	I _I educação Tubarão	I _P educação C.de Lages
Analfabetismo (% pessoas de 7 a 14 anos)	5,90%	8,30%	13,60%	3,00%	3,00%	6,10%
Analfabetismo (% pessoas de 15 e mais anos)	6,10%	12,30%	16,90%	3,80%	7,70%	11,10%
Defasagem escolar (% pessoas de 7 a 14 anos)	21,80%	21,80%	29,50%	11,30%	12,10%	18,50%
Evasão escolar (% pessoas de 7 a 14 anos fora da escola)	10,22%	11,92%	16,82%	2,47%	2,71%	4,73%
	I _M educação Joinv.	I _I educação C.Lages	I _P educação Tub.	I _M educação Joinv.	I _I educação C.de Lages	I _P educação Tub.
Evasão Escolar (% pes. de 10 a 14 anos trabalhando)	4,54%	9,54%	9,72%	3,00%	6,43%	8,57%

Fonte: Elaborado pelos autores. Fonte dos dados primários: IPEA e Secretaria de Estado do Planejamento.

Apesar da microrregião de Joinville obter maior educação, ao analisar o Quadro 4, observa-se que na microrregião de Campos de Lages e de Tubarão a educação vem avançando bastante.

Quadro 4. Variação dos Indicadores da Educação nas Microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão 1991-2000.

<i>Educação</i>	MICRORREGIÃO		
	C. de Lages	Joinville	Tubarão
Analfabetismo (% pessoas de 7 a 14 anos)	-7,50	-2,90	-5,30
Analfabetismo (% pessoas de 15 e mais anos)	-5,80	-2,30	-4,60
Defasagem escolar (% pessoas de 7 a 14 anos)	-11,00	-10,50	-9,70
Evasão escolar (% pessoas de 7 a 14 anos fora da escola)	-12,09	-7,75	-9,21
Evasão Escolar (% pessoas de 10 a 14 anos trabalhando)	-3,11	-1,54	-1,15
TOTAL	-39,5	-24,99	-29,96

Fonte: Elaborado pelos autores. Fonte dos dados primários: IPEA e Secretaria de Estado do Planejamento.

O número de pessoas entre 7 e 14 anos de idade que não freqüentam a escola tem diminuído significativamente, nas três microrregiões entre 1991-2000, entretanto, observa-se que a queda do analfabetismo foi inferior. Apesar de ter aumentado a freqüência escolar de crianças e adolescentes, a qualidade da aprendizagem ainda é baixa,

apontando, como por exemplo, falta de professores mais qualificados, decadência de materiais (livros) e adequabilidade dos mesmos, etc.

Conclui-se com base nesses dados que há um avanço nas reformas da educação nessas microrregiões, porém, ainda falta um esforço maior para que a qualidade do ensino escolar esteja presente.

2.3 Saúde

A saúde é uma das variáveis do desenvolvimento humano que vem evoluindo nas microrregiões de Campos de Lages, de Joinville e de Tubarão. A esperança de vida tem aumentado nessas microrregiões, por outro lado, a taxa de mortalidade vem diminuindo. Joinville é a que possui o maior nível de saúde.

O Quadro 5 mostra que, Joinville é a microrregião onde os habitantes estão vivendo mais. Em 1991 seu índice de esperança de vida foi de 70 anos, já em 2000 passa para 74,5 anos. Entretanto, a mortalidade infantil nessa microrregião é maior do que na microrregião de Tubarão. Em 1991, nesta, 19,9 crianças morriam até um ano de idade para cada mil nascidas vivas, passando esse número para 13,7 em 2000. Já em Joinville em 1991 e 2000 foi de 25,3 e 22,7 crianças, respectivamente.

Um dos prováveis fatores que pode explicar essa diferença da mortalidade infantil entre essas duas microrregiões, é o número de médicos residentes. A microrregião de Tubarão possuía sete médicos para cada mil habitantes em 1991, enquanto a de Joinville possuía apenas cinco. Na microrregião de Campos de Lages as pessoas vivem menos, a mortalidade infantil é maior e há um pequeno número de médicos residentes, em comparação as microrregiões de Tubarão e Joinville. Pois até a década de 70, a maior parte da população era rural, dessa maneira os habitantes não possuíam muitos recursos para uma boa saúde, atrasando o avanço da esperança de vida e a redução da mortalidade infantil (Ana Amélia Camarano, 2007).

Quadro 5. Comparação dos indicadores da Saúde entre as Microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão – 1991 e 2000.

<i>Saúde</i>	1991			2000		
	$I_M^{saúde}$ Joinville	$I_I^{saúde}$ Tubarão	$I_p^{saúde}$ C.de Lages	$I_M^{saúde}$ Joinville	$I_I^{saúde}$ C.de Lages	$I_p^{saúde}$ Tubarão
Índice de Esperança de vida	70,0	67,7	67,5	74,5	71,4	70,7
Mortalidade Infantil	$I_M^{saúde}$ Tubarão	$I_I^{saúde}$ Joinville	$I_p^{saúde}$ C. de Lages	$I_M^{saúde}$ Tubarão	$I_I^{saúde}$ Joinville	$I_p^{saúde}$ C.de Lages
	19,9	25,3	32,7	13,7	15,0	22,7
Médicos Residentes (por Mil hab.)	6,19	2,59	2,53	7,26	5,2	5,05

Fonte: Elaborado pelos autores. Fonte dos dados primários: IPEA e Secretaria de Estado do Planejamento.

A maior redução da mortalidade infantil foi na microrregião de Tubarão. Obteve uma queda de 40,7% do ano de 1991 para o ano 2000, apesar de o número de médicos ter aumentado em apenas um para cada mil habitantes.

Quadro 6. Variação dos Indicadores da Saúde nas Microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão 1991-2000.

<i>Saúde</i>	MICRORREGIÃO		
	C. de Lages	Joinville	Tubarão
Índice de Esperança de vida	4 anos +	4,5 anos +	3 anos +
Mortalidade Infantil	-30,60%	-10,28%	-31,15%
Médicos Residentes (por Mil hab.)	+ 2,5 médicos	+2,6 médicos	+1,07 médicos

Fonte: Elaborado pelos autores. Fonte dos dados primários: IPEA e Secretaria de Estado do Planejamento

A microrregião que obteve a menor queda da mortalidade infantil, por sua vez, foi a de Joinville, em 10,26%, entretanto, foi a que mais elevou a quantidade de médicos, em quase três para cada mil habitantes.

Os dados apontam que, da mesma forma que houve uma melhora da educação nas microrregiões, também houve nos aspectos da saúde. Observa-se que nas microrregiões que são mais urbanas (Joinville e Tubarão) há mais saúde, pois, os recursos para alcançá-la são maiores e melhores. Os processos responsáveis pelo aumento da longevidade são resultados, em parte, de políticas e incentivos promovidos pela sociedade e pelo Estado e do progresso tecnológico (Ana Amélia Camarano, 2007), e a população urbana é a que recebe com maior intensidade esses benefícios.

2.4 Pobreza

Esse item mostra a comparação do percentual da população pobre entre as microrregiões estudadas. A pobreza influencia tanto na educação como na saúde das pessoas. Na microrregião de Joinville, onde a educação e a saúde são maiores, como já foi analisado, o percentual de pobres é menor. Por outro lado, apesar de nas microrregiões de Campos de Lages e de Tubarão esse percentual ser maior, o número de pobres vem reduzindo bastante.

Entre as três microrregiões, a que possuía o maior número de pessoas pobres, em 1991 e 2000, era a de Campos de Lages. Em 1991, 41,14% de sua população estava numa situação de pobreza, sendo que 18,56% eram pessoas indigentes. Em 2000, a população pobre caiu para 27,67% do total de habitantes.

Quadro 7. Comparação dos Indicadores de Pobreza entre as Microrregiões de Campos de Campos de Lages, Joinville e Tubarão - 1991 e 2000.

<i>Pobreza</i>	1991			2000		
	$I_M^{pobreza}$ Joinville	$I_T^{pobreza}$ Tubarão	$I_p^{pobreza}$ C.de Lages	$I_M^{pobreza}$ Joinville	$I_T^{pobreza}$ Tubarão	$I_p^{pobreza}$ C.de Lages
Pessoas pobres	12,95	33,15%	41,14%	11,60%	16,41%	27,67%
Pessoas indigentes	3,31%	11,74%	18,56%	4,14%	5,59%	10,72%

Fonte: Elaborado pelos autores. Fonte dos dados primários: IPEA.

A Microrregião de Joinville, por sua vez, apresenta o menor percentual de pobres, 12,95% de sua população total em 1991, e 11,6% em 2000. Entretanto foi onde o número desses habitantes menos diminuiu e, ao mesmo tempo, o percentual de indigentes elevou em 0,8%, conforme se observa no Quadro 8.

Quadro 8. Variação dos Indicadores de Pobreza nas Microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão 1991-2000 – (%).

<i>Indicador Pobreza</i>	MICRORREGIÃO		
	C. de Lages	Joinville	Tubarão
Pobreza (% pop. Pobre)	-13,5	-1,4	-16,7
Pobreza (% pop. Indigente)	-7,8	0,8	-6,2

Fonte: Elaborado pelos autores. Fonte dos dados primários: IPEA.

Enquanto isso, na microrregião de Campos de Lages o número de pobres diminuiu em 13,5%, já em Tubarão essa queda foi de 16,7%. Da mesma forma, Campos de Lages é a microrregião que mais vem apresentando uma redução no número de pessoas indigentes. Entre 1991-2000 o percentual de indigentes teve uma queda de 7,8%. A redução da pobreza apontou para o avanço da educação e da saúde nas microrregiões. Aonde ela é menos expressiva (microrregião de Joinville e de Tubarão), verifica-se um desenvolvimento humano maior.

2.5 Moradia

As condições de moradia nas microrregiões de Campos de Lages, de Joinville e de Tubarão, medida pelo percentual de domicílios com adequadas instalações de esgoto, com água encanada, e com acesso aos serviços de coleta de lixo, melhoraram significativamente. A microrregião de Joinville é a que apresenta o maior percentual de domicílios com condições adequadas de moradia. Em 2000, mais de 90% da população da microrregião de Joinville possuía em seus domicílios, adequadas instalações de esgoto, água encanada, e acesso aos serviços de coleta de lixo (Quadro 9). Campos de Lages é a microrregião que possui os “piores” indicadores de moradia. Porém, pelo Quadro 9, percebe-se que, nessa microrregião o percentual de pessoas que possuíam domicílios com acesso aos serviços de coleta de lixo em 2000, foi maior do que na microrregião de Tubarão.

Quadro 9. Comparação dos Indicadores da Moradia entre as Microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão 1991 e 2000.

<i>Moradia</i>	1991			2000		
	I_M^{moradia} Joinville	I_I^{moradia} Tubarão	I_P^{moradia} C.de Lages	I_M^{moradia} Joinville	I_I^{moradia} Tubarão	I_P^{moradia} C.de Lages
% da Pop. c/ domicílios c/ instalações adequadas de esgoto	83,14	77,61	61,25	90,67	60,53	53,79
% da população c/domicílios c/ água encanada	I_M^{moradia} Joinville	I_I^{moradia} Tubarão	I_P^{moradia} C.de Lages	I_M^{moradia} Tubarão	I_I^{moradia} Joinville	I_P^{moradia} C.de Lages
	95,12	96,31	86,51	98,27	98,04	94,46
% da população c/ domicílios c/ serviço de coleta de lixo	I_M^{moradia} Joinville	I_I^{moradia} Tubarão	I_P^{moradia} C.de Lages	I_M^{moradia} Joinville	I_I^{moradia} C.de Lages	I_P^{moradia} Tubarão
	86,69	73,49	67,22	98,72	94,51	93,49

Fonte: Elaborado pelos autores. Fonte primária: IPEA e, para o % de população com domicílios com instalações adequadas de esgoto de 2000, dados obtidos pela Confederação Nacional dos Municípios (CNM).

Na microrregião de Tubarão de 1991 para 2000, o percentual da população que possuía em seus domicílios coleta de lixo aumentou em 20%, por outro lado, os com adequadas instalações de esgoto diminuiu em 17,08%, em relação ao ano de 1991.

Quadro 10. Variação dos Indicadores da Moradia nas Microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão 1991-2000 – (%).

<i>Moradia (% população)</i>	MICRORREGIÃO		
	C. de Lages	Joinville	Tubarão
% da pop. c/ domicílios c/ instalações adequadas de esgoto	-7,46	7,53	-17,08
% da pop. c/domicílios c/ água encanada	7,95	2,92	1,96
% da pop. c/ domicílios c/ serviço de coleta de lixo	27,29	12,03	20,00

Fonte: Elaborado pelos autores. Fonte primária: IPEA e, para o % de população com domicílios com instalações adequadas de esgoto de 2000, dados obtidos pela Confederação Nacional dos Municípios (CNM).

Da mesma forma, na de Campos de Lages o percentual da população que vive em domicílios com adequadas instalações de esgoto, reduziu-se em 7,46 no ano de 2000, em relação a 1991. Mas, foi a microrregião que mais aumentou nesses anos o número de pessoas que tem acesso aos serviços de coleta de lixo (Quadro 10). Portanto, com base nos aspectos da moradia, pode-se afirmar que a microrregião de Joinville é a que apresenta um desenvolvimento mais sustentável. Entretanto, a Campos de Lages e de Tubarão também vêm apresentando uma melhora nas condições de moradia da

população, caracterizando um avanço do bem estar da população, junto com a melhora da educação e da saúde. O que impede uma melhora, mais significativa, é a situação da pobreza presente nessas microrregiões. Pois, as pessoas que não possuem acesso aos serviços básicos prestado pelo estado, são aquelas mais carentes (HART, 1971, in: GESSER, p.20).

2.6 Distribuição de renda

Nesse item é apresentado o índice de Gini das três microrregiões em análise. Ele mostra que a região de Campos de Lages é a que possui a maior concentração de renda, entretanto, ela já vem apresentando uma grande queda da desigualdade da renda. O quadro abaixo mostra que em 1991 e 2000 a microrregião de Joinville apresentou a menor concentração de renda (0,521 e 517, respectivamente).

Quadro 11. Comparação do Indicador da Distribuição de Renda entre as Microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão 1991 e 2000.

<i>Distribuição de Renda</i>	1991			2000		
	$I_M^{\text{dist.renda}}$ Joinv.	$I_I^{\text{dist.renda}}$ Tub.	$I_p^{\text{dist.renda}}$ a C.Lages	$I_M^{\text{dist.renda}}$ Joinv.	$I_I^{\text{dist.renda}}$ Tub.	$I_p^{\text{dist.renda}}$ C.de Lages.
Índice de Gini	0,521	0,558	0,586	0,517	0,520	0,563

Fonte: Elaborado pelos autores. Fonte dos dados primários: IBGE e Secretaria de Estado do Planejamento.

Campos de Lages é a microrregião que apresenta o “pior” índice de Gini. Em 2000 esse indicador nesta microrregião foi de 0,563.

Quadro 12. Evolução do Indicador da Distribuição de Rendadas Microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão 1991-2000.- (%).

<i>Indicador</i>	MICRORREGIÃO		
	C. de Lages	Joinville	Tubarão
Índice de Gini	-3,92	-0,76	-6,80

Fonte: Elaborado pelos autores. Fonte dos dados primários: IBGE e Secretaria de Estado do Planejamento.

Porém, apesar de a Microrregião de Joinville possuir o melhor índice de gini, nas outras duas microrregiões em análise, a desigualdade da renda vem diminuindo significativamente. O quadro 12 mostra que a microrregião de Tubarão teve uma queda de 6,8% da concentração da renda no período de 1991-2000, e a de Campos de Lages uma queda de 3,92%, enquanto na de Joinville foi de apenas 0,76%.

Com base nesses dados, conclui-se que a situação da concentração da renda, maior na microrregião de Campos de Lages, pode ter sido uma das variáveis que

impactou ao acesso a saúde e a educação pela população. Pois, como já foi mostrado nos aspectos conceituais, o problema da concentração ou desigualdade de renda é um dos fatores que interferem na saúde das pessoas, aqueles que possuem menores condições socioeconômicas têm menor possibilidade de acesso aos serviços de saúde (HART, 1971). Da mesma forma, impacta na redução da pobreza.

2.7 Produto Interno Bruto

Após, comparar os aspectos do desenvolvimento social e sustentável é analisado o desempenho do PIB *per capita* e da composição do PIB, entre as microrregiões. Ao estudar a evolução do PIB *per capita*, é possível verificar se a situação da saúde, da educação, da pobreza, das condições de moradia, bem como da concentração da renda, acompanharam o crescimento econômico.

Ao fazer uma média do PIB *per capita* entre 1998 e 2004 das três microrregiões, verifica-se através do Quadro 13 que, Joinville é a microrregião que apresentou o maior PIB *per capita*. Já a de Tubarão, foi a que obteve o menor.

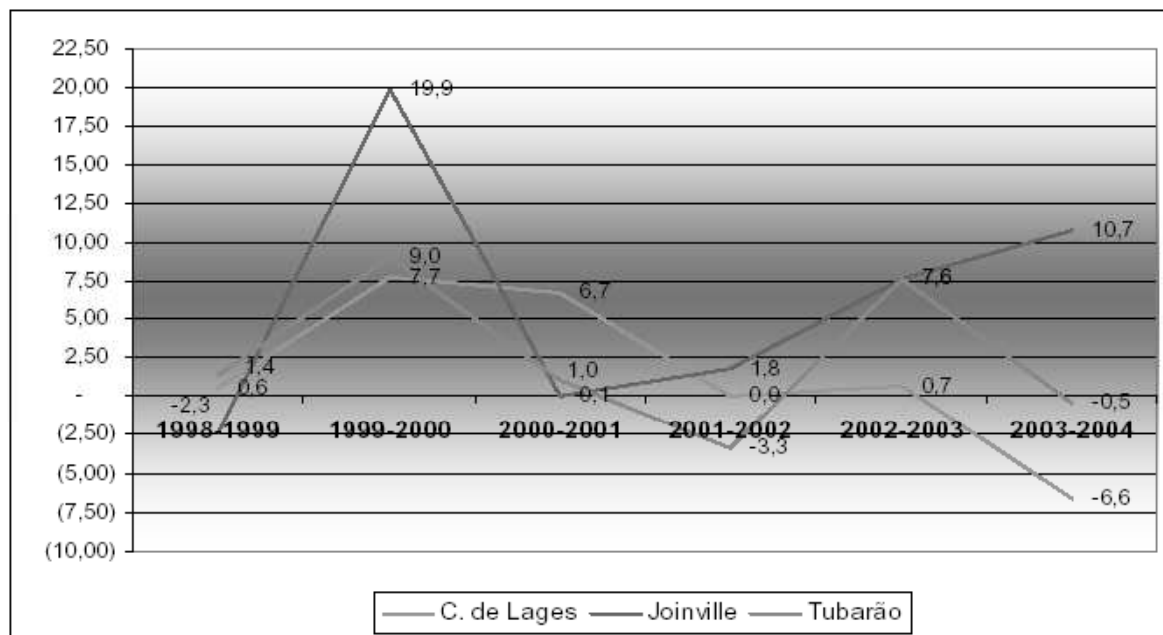
Quadro 13. Comparação Média do Produto Interno Bruto *per capita* entre as Microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão 1998-2004 (em mil R\$).

<i>Indicador PIB per capita(1998-2004)</i>	1998-2004		
	$I_M^{PIB\ per\ capita}$ Joinville	$I_L^{PIB\ per\ capita}$ C. de Lages	$I_P^{PIB\ per\ capita}$ Tubarão
Média PIB per capita (1998-2004)	13.024	8.952	7.888

Fonte: Elaborado pelos autores. Fonte dos dados primários: IBGE.

Ao analisar o crescimento anual do produto entre esse período, percebe-se através da Figura 3 que, nas três microrregiões houve períodos de crescimento e quedas do PIB *per capita*. Entre 2003-2004 a microrregião de Tubarão apresentou uma queda de 0,5% e, a de Campos de Lages de 6,6%, enquanto a de Joinville teve uma evolução expressiva, seu PIB *per capita* se elevou em 10,7%. Pois, como já foi mostrado, a elevação da inflação em 1999, contra a de 1998 (1,65%), interferiu no PIB *per capita*. O início do novo regime para a inflação, que em alguns anos ultrapassou a meta estimada, pode ter refletido no poder de compra das pessoas, impedindo um maior crescimento do produto.

Figura 3. Evolução Anual do PIB *per capita* das Microrregiões de Campos de Lages, Joinville e Tubarão 1998-2004 - (%).



Fonte: Elaborado pelos autores. Fonte dos dados primários: IBGE.

Ao fazer o paralelo do desenvolvimento entre as três microrregiões, percebe-se que a microrregião de Joinville é a mais desenvolvida, depois vem a de Tubarão, e finalmente a de Campos de Lages. Tanto na microrregião de Tubarão e, sobretudo, na de Campos de Lages os indicadores do desenvolvimento vêm evoluindo significativamente, apesar de obter ainda algumas deficiências, alcançando um desenvolvimento socioeconômico próximo ao da microrregião de Joinville.

3 Conclusões e Sugestões

A abordagem da Qualidade do Crescimento, foi a base conceitual para se realizar esse estudo. Foi a partir dela que se selecionou os indicadores populacionais, econômicos, sociais e alguns da sustentabilidade para realização do paralelo do desenvolvimento microrregional.

Ao analisar o PIB *per capita* das microrregiões, observou-se que apesar da microrregião de Joinville obter as mais elevadas taxas de desemprego, seu produto é superior ao da microrregião de Campos de Lages e de Tubarão. E, seu crescimento foi superior ao da população total, o que caracterizou essa microrregião como a mais desenvolvida entre as três.

Dessa maneira, os gastos no desenvolvimento humano são maiores. Há nessa microrregião mais educação, saúde, as condições de moradia são melhores, a desigualdade da renda diminuiu, permitindo um pequeno número de pobres. Por outro lado, a pobreza e a concentração de renda nas microrregiões de Campos de Lages e de Tubarão são maiores, caracterizando uma melhora inferior na educação e na saúde da população.

Portanto, apesar das microrregiões apresentarem ainda algumas deficiências no seu crescimento, ao compará-las com os aspectos do desenvolvimento do país e do estado, conclui-se que elas vêm seguindo um processo de avanço para o desenvolvimento socioeconômico. Um dos motivos que pode ter impedido um maior avanço nos aspectos do desenvolvimento humano nas microrregiões, além da situação da estrutura econômica, foi a grande variação da inflação da década, que interferiu no crescimento econômico. Até 1998, a inflação brasileira estava baixa, com a transição que o país veio enfrentando a partir de 1999 para alcançar a meta de inflação, ela se elevou muito nos primeiros períodos, o que não ocorreu com os salários das pessoas.

Entretanto, esse problema da inflação, e algumas deficiências nos setores produtivos, não impediram a relação do crescimento econômico com a qualidade dos fatores que o impulsiona a expandir. A desigualdade da renda vem diminuindo, proporcionando a queda da pobreza, levando ao desenvolvimento humano, medido pelo IDH. Esse processo necessita de interação entre Estado e iniciativa privada. As microrregiões já possuem um cenário favorável para que isto seja possível: as tendências do processo de urbanização; a capacitação empresarial e a tecnologia já adquirida; a dimensão do mercado interno.

Embora a melhora da educação seja reconhecida, são ainda insatisfatórios os resultados do esforço educacional realizados nos últimos anos, o que fica evidente nas altas taxas de repetência, medida pelo atraso escolar e alguns baixos níveis de educação. Não se trata, no entanto, apenas de dar mais recursos financeiros à educação. A baixa eficiência do sistema educacional que interfere na qualidade do ensino, deve ser enfrentada através de ações coordenadas das microrregiões que dêem maior prioridade à educação fundamental, à elevação do nível de escolaridade da população de baixa renda e a melhora da qualidade do ensino.

Observou-se uma relação entre a pobreza, analfabetismo, repetência e evasão escolar, desta forma, é necessário uma maior atenção aos contingentes populacionais mais pobres. Para que se possa obter a melhora da qualidade do ensino, é preciso dotar escolas com instalações adequadas, equipamentos, material didático e capacidade docente, assim como um processo contínuo de inovação pedagógica, a avaliação permanente dos resultados e estímulos para melhor desempenho de professores e alunos (PNUD, 2007).

A geração de emprego depende de um crescimento sustentável. No entanto, então é necessário combinar o crescimento econômico com políticas específicas de empregos, destinadas a aperfeiçoar o funcionamento desse mercado, como: intermediação de emprego, através de um sistema eficiente de colocação de mão-de-obra, treinamento de desempregados, para recolocá-los em postos de maior qualificação; e a criação direta de empregos; através do apoio a setores econômicos, intensivos em mão-de-obra, principalmente as pequenas e médias empresas, a agricultura, que além de absorver trabalhadores de baixa qualificação, diminui a pressão por empregos nos centros urbanos; e os investimentos em infra-estrutura (PNUD, 2007).

Referências bibliográficas

- A.C.C.S. (Associação de catarinense de Criadores de Suínos). Disponível em: <<http://www.accs.org.br/>> acesso em : 10/05/02007.
- BANCO MUNDIAL. **Desenvolvimento e Redução da Pobreza: Reflexão e Perspectiva**. Banco Mundial. 2004.
- CNM (Confederação Nacional de Municípios) Infra-Estrutura – Esgotamento Sanitário. Disponível em <<http://cnm.org.br>> acesso em: 16 mai. 2007.
- FILHO, Alcides G. **Formação Econômica de Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.
- IBGE (Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Indicadores – trabalho e rendimento. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>> acesso em 27 mar. 2007.
- IBGE (Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Inflação deve terminar 2006 no nível mais baixo desde 1998. Publicado em: 10 nov. 2006. Disponível em: <<http://oglobo.com/economia/mat/2006/1/10>> acesso em: 27 nov. 2006.
- IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada). Dados regionais. Disponível em <<http://www.ipeadata.gov.br>>.
- LIMA, Gerson. Artigo: **A inflação do Brasil e a Inflação do IBGE**. Disponível em: <http://www.desempregozero.org.br/artigos/a_inflacao_do_brasil_e_a_inflacao_do_ibge.php> acesso em: 27 jun. 2007.
- LINS, Hoyêdo N. *et al.*, **Contribuição aos Estudos Sobre Desenvolvimento Socioeconômico em Santa Catarina: Comportamento do IDS Entre 1991 e 2000**. *Textos de Economia*, Florianópolis, n.1, p.91-117, 2006.
- PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). Desenvolvimento Humano e IDH. Disponível em <<http://www.pnud.org.br/home>> acesso em: 10 nov. 2006.
- SANDRONI, Paulo. **Novíssimo Dicionário de Economia**. São Paulo, Best Seller, 1999, p. 168-171. 131.
- SCHIWARTZMAN, Simon, *et at.* **Educação e Pobreza na América Latina**. Rio de Janeiro: Fundação Konrand Adenauer, 2006. p. 9-32.
- SOUZA, Nali de Jesus de. **Desenvolvimento Econômico**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1995.
- SPG (Secretaria de Estado do Planejamento). Estatísticas – Dados Estatísticos Municipais. Disponível em <<http://www.spg.sc.gov.br>> acesso em: 24 nov. 2006.
- THOMAS, Vinod. *et al.* **A Qualidade do Crescimento**. Ed. UNESP, 2000. Disponível em <<http://www.bancomundial.org.br>> Acesso em: 2000.
- VON BELLER, Hans M. **Indicadores de Sustentabilidade: uma análise comparativa**. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2005, p. 23-29.